

O CÉRBERO DE MERQUIOR

Quais os motivos que me levaram a criticar o artigo de Merquior (Folhetim, 11/02) e a retomar a questão a partir da sua réplica?

1. Merquior dá por resolvida a polêmica questão da vinculação entre o conteúdo da obra de Heidegger e a adesão pessoal do filósofo ao nacional-socialismo. Mas não se trata de uma questão simples. Se o debate fosse travado em torno de um artista, poder-se-ia resolvê-lo distinguindo sem grande esforço o valor estético de sua obra da ideologia abraçada pelo autor. (Não há como desautorizar Ezra Pound, por exemplo). Entretanto, no caso de uma produção teórica, as coisas se apresentam sob outro ângulo.

Em outras palavras, não nos damos o direito de esquadrihar as telas de Dalí à cata de pigmentos franquistas, mas agora que sabemos da extensão e profundidade do comprometimento de Heidegger com o 3º Reich, cada página e conceito seus são virados pelo avesso à procura de uma ligação postulada necessária para aplacar nosso incômodo perante essa ambiguidade.

Pessoalmente, tendo a separar homem e obra, valendo-me do seguinte argumento: leia-se "Ser e Tempo" sem prevenções, com espírito tão crítico quanto isento, e constatar-se-á a inexistência de qualquer linha de pensamento tendente a fundamentar filosoficamente o que quer que se entenda por autoritarismo político, superioridade racial ou culto à personalidade. O mesmo vale para qualquer outro escrito filosófico de Heidegger.

Resumamos o ponto: o cidadão Martin Heidegger pode ser plenamente responsabilizado pelas suas posições políticas, quer tenham sido ditadas por ingenuidade, oportunismo, maquiavelismo, opção ideológica, uma ou algumas dessas alternativas, todas elas, ou ainda quaisquer outros motivos; mas sua produção teórica, aferível única e exclusivamente através dos respectivos textos, deve ser examinada "internamente".

2. Sabe-se que a Alemanha do período entre-guerras conheceu um forte

movimento político de esquerda, cujo fracionamento facultou a ascensão do nazismo e onde se congregavam aqueles que professavam as idéias e ideais condizentes. Nazismo (ou fascismo) e populismo são perfeitamente compatíveis; regimes socialistas "reais" e autoritarismo (infelizmente) também; mas isso está longe de autorizar o abuso de linguagem perpetrado por Farias e coonestado por Merquior, cuja finalidade é evidente: associando os termos "esquerda" e "nazismo" relativiza-se de maneira subreptícia um fato inegável, isto é, que o nazismo é uma ideologia representativa da extrema direita.

3. Merquior exige de uma carta que cabe numa única lauda nada menos que a fundamentação filosófica do liberalismo; digamos que seu exemplo não foi dos mais inspiradores, pois dispondo de um "Folhetim" inteiro foi incapaz de esboçar o conceito em questão. Em compensação, extrai da exígua missiva citada uma até então auto-ignorada idolatria de seu autor por Heidegger, bem como a pretensa negação do Gulag, tema que, salvo engano, brilha pela ausência.

Excelente modelo negativo, ele nos convida a ler suas muitas linhas e entrelinhas para nelas, e apenas nelas, basear nossa interpretação.

"Muito além do nazismo" confisca a ética por decisão própria e pretende outorgar seu monopólio aos aureolados pela graça do liberalismo. Em sua abordagem de Marx e Freud, Merquior já se notabilizara pela aversão ao pensamento radical; não surpreende que procure atar ao pescoço do marxismo o peso morto do extremismo de direita e a seguir enterrá-los na vala comum do irracionalismo.

O simplismo de tal tese não retira seu direito à enunciação, mas não há como evitar certa indignação — e certo constrangimento — diante da argumentação empregada.

De que liberalismo nos fala Merquior? Como o Cérbero que guarda as portas do inferno, ele tem três cabeças. A filosófica é a mais sedutora; suas raízes kantianas extraem a esperança do solo da razão. A política combina a fé nas instituições com recurso à força, sempre que necessário. E necessariamente sempre, visto que em matéria de economia o liberalismo transplanta em solo

social um mecanismo darwiniano: a lei do mais forte. E realmente é por esse raciocínio, devidamente canonizado, que o capitalismo se justifica como única formação social capaz de promover o progresso.

Quem quiser ilustrar a dupla face liberal — o autoritarismo atrás da fachada de benévola tolerância — não precisa sair de nosso continente.

Incapazes de resolver os conflitos sociais gerados pelo "laissez-faire", inúmeras vezes foram os delicados punhos liberais bater à porta dos quartéis. Em consequência, a história recente da América Latina oferece inúmeros exemplos de práticas que se julgariam exclusivas do regime hitlerista, inclusive em estados caracterizados pelo que Merquior designa por "pretorianismo tecnocrático".

Embora seja preciso guardar as devidas proporções, cabe lembrar que essa ressalva vale como atenuante apenas no que se refere ao aspecto quantitativo. Pois a tortura e o assassinato, quer sejam praticados em massa ou individualmente, obedecendo a diretrizes genocidas ou visando liquidar seletivamente lideranças políticas, tendo como cenário campos de concentração ou prisões clandestinas, em câmaras de gás ou paus-de-arara, decorrem de uma única e mesma concepção de mundo.

Não se trata, evidentemente, de responsabilizar Merquior por esses fatos; pertencem-lhe, e de maneira exclusiva, os motivos pelos quais participou de um governo designável — emocionalismos à parte — pelos adjetivos ilegítimo e autoritário, ainda que em grau menor que seus antecessores, dos quais não obstante herdou os instrumentos de exceção com que foram violados frequentemente os direitos humanos. A menção serve não para fins de ataque pessoal, mas unicamente visando lembrar que o liberal não está menos sujeito à sedução exercida pelo poder — seja qual for o pretexto — do que qualquer um.

Entendo que Merquior escamoteia as duas questões essenciais referenciadas por seu texto: o que é o nazismo (ou: o que é o desejo de poder absoluto) e como entender (como pensar) a obra de Heidegger. Sai pelo atalho de atribuir ao filósofo um raquitismo intelectual gerado pela carência de vitaminas liberais que receita de boa vontade oferecendo-nos a amostra grátis de sua réplica,

certamente para ilustrar as virtudes da tolerância.

4. Não será ocioso, visto o teor de "Herr Goldgrub e Heidegger", prestar alguns esclarecimentos. Não me considero discípulo de Heidegger. Invocando o testemunho de dois livros publicados, creio poder filiar-me ao exercício de uma reflexão que privilegia as obras de Freud, Lévi-Strauss e Marx. Adepto (um tanto inconsequente) de um socialismo ecológico e descentralizado à la Illich, ignoro os motivos pelos quais Merquior me atribuiu um maniqueísmo escotomizador do Gulag.

Creio, entretanto, que a obra de Heidegger merece quando menos o respeito devido a um rigoroso trabalho de reinterpretação da filosofia ocidental. Sem negar o valor de livros como o de Farias, creio poder categorizá-lo como uma biografia intelectual; por outro lado, isso não impede que livros dessa natureza possam perfeitamente suscitar questões relevantes e fornecer preciosas pistas para exegeses ditadas por uma abordagem teórica.

Se for efetivamente constatada a presença de afinidades entre o pensamento de Heidegger e o ideário nazista, resta incorporar o fato à nossa compreensão da obra do filósofo e julgar em que medida tais linhas afetam ou contradizem o que até aqui pensamos conhecer.

5. Finalmente; os termos "agressão estúpida", "ignorantemente", "idiota", "raça dos pigmeus intelectuais", vindos de Merquior, não surpreendem. Mas visto que me considero tão brasileiro quanto ele, intrigou-me o emprego de "herr" em vez de senhor. O uso da virulência — mais do que o do cachimbo — entorta a boca; pretenderá Merquior, incorrendo em mais uma confusão (Alemanha e nazismo), associar-me à ideologia em questão?

Sendo judeu, creio estar à vontade para afirmar que o nazismo, ou melhor, o que ele significa e representa, não escolhe para manifestar-se etnias, tradições ou latitudes.

Mas, em compensação, acredito que o seu oposto, ou seja, a possibilidade de progresso moral da humanidade, tampouco constitui uma perspectiva

implausível. Fato que não deixa de suscitar grandes esperanças, inclusive — e a título pessoal — para o Sr. Merquior.

GOLDGRUB, Franklin. O Cérbero de Merquior. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27.fev.1989. p.A-3